REPECULT
ISSN 2526-2742

Entre o apagamento e a resistência: o racismo digital como um campo de estudos em construção

Fábio Antonio Abreu da Silva[31]
Anelise Monteiro do Nascimento[32]

Resumo

Este artigo apresenta uma revisão de literatura, do tipo estado da arte, sobre o racismo em ambientes digitais. Com base na análise de 20 dissertações e 3 teses disponíveis no banco de teses da CAPES, mapeiam-se os principais referenciais teórico-metodológicos, os recortes temáticos, os ambientes virtuais analisados, os enfoques regionais e as abordagens metodológicas empregadas. Os dados revelam que o campo do racismo digital ainda é emergente, com forte predominância de estudos voltados ao Facebook, à promoção da igualdade racial e ao empoderamento feminino negro. Identificam-se lacunas quanto à abordagem de dimensões como racismo institucional e recortes de gênero e classe. Conclui-se que revisões de literatura como esta contribuem para consolidar o campo, evidenciar suas lacunas e orientar futuras investigações interdisciplinares. A pesquisa reafirma a relevância do debate sobre desigualdades raciais no ciberespaço no campo da Ciência da Informação.

Palavras-chave: Racismo digital; Cibercultura; Redes sociais; Comunicação e informação; Estado da arte.

Abstract

This article presents a state-of-the-art literature review on racism in digital environments. Based on the analysis of 20 master's dissertations and 3 doctoral theses available in the CAPES thesis database, the study maps the main theoretical-methodological frameworks, thematic focuses, virtual environments analyzed, regional contexts, and methodological approaches. The data reveal that the field of digital racism is still emerging, with a strong predominance of studies focused on Facebook, the promotion of racial equality, and Black women's empowerment. Gaps are identified regarding the discussion of institutional racism and intersections of gender and class. The study concludes that literature reviews such as this contribute to consolidating the field, highlighting research gaps, and guiding future interdisciplinary investigations. This research reinforces the relevance of the debate on racial inequalities in cyberspace within the field of Information Science.

[31] Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ). Coordenador de Disciplinas do CDERJ).
[32] Pós-Doutora em Educação pela UFF (2019), Doutora em Educação pela PUC-Rio (2013) e Professora Associada da UFRRJ

Keywords: Digital racism; Cyberculture; Social networks; Communication and information; State of the art.

Resumen

Este artículo presenta una revisión de literatura, del tipo "estado del arte", sobre el racismo en entornos digitales. Con base en el análisis de 20 disertaciones y 3 tesis disponibles en el banco de tesis de la CAPES, se mapean los principales referentes teórico-metodológicos, los enfoques temáticos, los entornos virtuales analizados, los enfoques regionales y los enfoques metodológicos empleados. Los datos revelan que el campo del racismo digital aún es emergente, con un fuerte predominio de estudios centrados en Facebook, la promoción de la igualdad racial y el empoderamiento de la mujer negra. Se identifican lagunas en cuanto al abordaje de dimensiones como el racismo institucional y los enfoques de género y clase. Se concluye que revisiones de literatura como esta contribuyen a consolidar el campo, evidenciar sus lagunas y orientar futuras investigaciones interdisciplinarias. La investigación reafirma la relevancia del debate sobre las desigualdades raciales en el ciberespacio en el campo de la Ciencia de la Información.
Palabras clave:Racismo digital; Cibercultura; Redes sociales; Comunicación e información; Estado del arte.

Introdução

> O racismo é nomear ao outro, designá-lo para em seguida apaga-lo (massacrá-lo) e fazê-lo reaparecer cada vez que nos seja útil, em cada lugar que (nos) seja necessário.
> Skliar (2004, p.16)

Esta pesquisa se situa no campo da educação das relações étnico-raciais. Se volta para a produção de desigualdades em ambientes virtuais, mais especificamente sobre racismo nas redes sociais e nas mídias digitais.

Metodologicamente a opção foi por uma pesquisa bibliográfica do tipo estado da arte, ou estado do conhecimento, sobre o que chamamos de racismo digital. O campo da educação possui tradição em produção de estados da arte. Soares (2000, p. 09), ao realizar um estado do conhecimento sobre alfabetização, destaca que

> […] estado da arte ou do conhecimento sobre determinado tema é fundamental no movimento ininterrupto da ciência ao longo do tempo. Assim, da mesma forma que a ciência se vai construindo ao longo do tempo, privilegiando, ora um aspecto, ora outro, ora uma metodologia, ora outra, ora um referencial teórico ora outro, também a análise, em pesquisas de estado do conhecimento produzidas ao longo do tempo, deve ir sendo paralelamente construída, identificando e explicitando os caminhos da ciência, para que se revele o processo de construção do conhecimento sobre determinado tema, para que se possa tentar a integração de resultados e, também, identificar duplicações, contradições e, sobretudo, lacunas, isto é, aspectos não estudados ou ainda precariamente estudados, metodologias de pesquisa pouco exploradas.

A escolha pela produção de um estado da arte sobre racismo digital se sustenta na evidência de que o campo é novo e está cunhando suas bases de referência e definindo as orientações teórico-metodológicas, os recortes predominantes, o contexto em que ocorrem as investigações, os temas e as áreas que dialogam com as questões centrais, além dos locais de divulgação dos resultados encontrados. Assim, esse estudo pode servir de referência para novas pesquisas ao sistematizar o que já foi produzido e evidenciar algumas lacunas. Além disso, uma revisão de literatura nesses moldes permite realizar uma ordenação do progresso das

pesquisas, seus focos em determinados períodos, além de proporcionar maior visibilidade às produções existentes. Torna-se um mapeamento do campo para, segundo Muller (2015, p. 166), apresentar uma visão geral de tudo o que foi ou vem sendo produzido. De acordo com Ferreira (2002) é o pesquisador quem define as categorias e as estratégias do levantamento de dados, no caso desta pesquisa, em específico, optou-se pela busca no banco de dados da CAPES.

A escolha por esse banco de dados se justifica porque o portal da CAPES é o sistema online oficial do governo brasileiro para depósito de teses e dissertações. Trata-se de um banco de dados que agrega pesquisas aprovadas dentro dos programas de pós-graduação vinculados ao Ministério da Educação.

Diante do banco de teses e dissertações da Capes, o primeiro movimento para definir a amostra foi a testagem das palavras-chave: racismo digital, Facebook, Orkut, nessa busca inicial foram encontradas 32.538 (trinta e dois mil e quinhentos e trinta e oito) resultados. Eles indicaram que a pesquisa mais antiga data do ano de 2012. Após a verificação de alguns títulos apresentados e diante do recorte proposto, a pesquisa foi realizada restringindo os resultados à área da Educação. O ano inicial foi definido com base no registro mais antigo de publicação, 2012. Cabe destacar que as redes sociais digitais surgiram no Brasil, de forma bem incipiente, a partir do surgimento da Orkut, rede social pertencente à empresa Google, criada em 24 de janeiro de 2004. O ano final foi definido como sendo 2020, obedecendo ao cronograma previsto para elaboração da pesquisa de campo e finalização da dissertação.

Uma vez definido o período e a fonte de consulta, o movimento seguinte foi a definição das palavras-chave. A primeira palavra-chave utilizada foi "racismo digital", chamou atenção que os termos "digital" e "racismo" não apareciam juntas nos títulos e os trabalhos que as apresentavam em separado em nada se aproximavam do conceito de racismo digital utilizado nesta pesquisa. Para nós, racismo digital se configura como todo e qualquer tipo de injúria racial contra um indivíduo ou grupo em ambientes virtuais.

Diante do desafio de encontrar a amostra, foram utilizadas as palavras-chave combinadas entre si, combinações próximas do objeto de estudo em questão:

racismo na internet, racismo nas redes sociais, racismo no Facebook, discriminação e preconceito, conforme quadro abaixo.

Quadro 1 - Lista de palavras-chave utilizadas na busca

Racismo na(o)	Discriminação no(a)	Preconceito no(a)
Internet	Internet	Internet
Facebook	Facebook	Facebook
Orkut	Orkut	Orkut
Twitter	Twitter	Twitter
Instagram	Instagram	Instagram

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir dos referenciais teóricos da pesquisa.

Ao lançar estas palavras no buscador da CAPES, surgiram resultados "repetidos" e foi necessário realizar um filtro, localizando e excluindo tais repetições. Mesmo após estas tentativas, as dificuldades ainda persistiram e percebemos que seria impossível concluir esta pesquisa, pois cada combinação de palavras retornava cerca de dez mil títulos e, ao analisar estes títulos, foi possível perceber que não apresentavam aproximação com o tema.

Foi então que decidimos mudar de tática, simplificando-a. Tirando o foco no objeto e deixando no ambiente virtual. Assim foram utilizadas somente as palavras: Orkut; Facebook, Twitter e Instagram, dentro da área da educação. Em seguida foram lidos os resultados apresentados e selecionados aqueles que continham também os descritores: étnico-racial, racismo, preconceito, discriminação, igualdade racial e correlatos.

Teses e dissertações sobre racismo digital

O levantamento encontrou vinte e três produções que se inscrevem dentro dos critérios adotados pela pesquisa. São vinte dissertações e três teses. Elas estão listadas no quadro a seguir:

Quadro 2. Total de produções encontradas na base de dados

	Título	Universidade	Ano Publicação
1	Negritude em rede: discursos de identidade, conhecimento e militância - Um estudo de caso da comunidade Negros do Orkut	USP	2012
2	Preconceito em Rede: Educação para as Relações Étnico Raciais a partir do Discurso dos Usuários da Internet	UFRGS	2016
3	(Re)assumindo a raiz: a discursivização sobre a mulher negra a partir da noção de cabelos crespos nas comunidades do Facebook.	U. Estadual de Feira de Santana	2017
4	"ACEITAÇÃO AFRO": as mídias sociais digitais na revalorização e afirmação da identidade negra	UFJF	2017
5	#SIMAIGUALDADERACIAL: Análise Discursova de Depoimentos Sobre Raça no Facebook	CEFET Celso Suckow da Fonseca. Rj	2017
6	Discursos Significados como (In)tolerantes no Facebook: Quando o que cala fala	Univ. do Vale do Sapucai-Pouso Alegre, Unidade Fátimaa	2015
7	Bamidelê: Por uma Sociologia da Informação Étnico-Racial na Organização das Mulheres Negras da Paraíba	Univ. Federal da Paraíba/João Pessoa	2014
8	Ciberativismo como estratégia política: um estudo sobre grupos de mulheres negras crespas e cacheadas no facebook e em Salvador	UFBahia	2017
9	Os Letramentos de Empoderamento Feminino Negro: A Educação de Jovens e Adultos e os Processos de Aprendizados na Rede Social Facebook	UFMF	2017
10	Os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros de Santa Catarina e o Contexto Informacional: Análise Sobre o Facebook como uma Fonte de Informação Étnico-Racial	UFSC	2018

11	O Museu Afrodigital do Maranhão como Dispositivo Democratizante e Educativo	Univ. Federal do Maranhão	2018
12	AFRO-NTANDO: Compreendendo as construções/desconstruções e disputas de identidades de mulheres negras a partir de seus cabelos	UFF	2018
13	Semântica e discurso em diálogo: uma análise do enunciado "não tenho preconceito, mas..."	UFParaná	2018
14	Minha negritude minha melhor escolha: A (Re)construção Discursiva das Negritudes das Mulheres no Processo de Transição Capilar no Facebook	CEFETCelso Suckow da Fonseca. Rj	2018
15	Corpo e Estética Corporal: O Papel das Páginas do Facebook no Empoderamento de Mulheres Negras	Univ. Federal do Paraná	2018
16	Resistência: Ativismo e Articulação de Mulheres Negras Através de Redes Sociais.	Univ. Fed. da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu	2018
17	CABELO NATURAL. História do Meu Cabelo: "Uma Investigação Sobre a Manipulação da Identidade Racial em Narrativas na Internet sobre Cabelo Natural"	PUC-MG	2018
18	A MÁSCARA OBSCURA DO ÓDIO RACIAL: Segregação, Anonimato e Violência nas Redes Sociais	UFE-RJ	2018
19	POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS: Preconceito Racial nas Redes Sociais e Educação	UMC-SP	2017
20	Configurações do Racismo nas Redes Sociais	UFPB-PB	2017
21	ENTRE EXPERIÊNCIAS E DIFERENÇAS NAS MÍDIAS DIGITAIS: Modos de Uso e Desejos - hastag na #seráqueéracismo	UFSCar-SP	2016
22	Usos da internet nos movimentos sociais negros em rede na luta pela igual dade racial no Brasil: Estudo de caso da Agência Afropres	Unisinos	2014

23	O Discurso do Ódio na Sociedade da Informação: intolerância nas redes sociais	Centro Univ. das Faculdades Metropolitanas Unidas, SP	2015

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir dos referenciais teóricos da pesquisa.

Como primeiro exercício de análise, o material obtido foi organizado pelo ambiente virtual em que centram suas investigações, foram eles: Orkut, Facebook e Twitter. Foram observados os seguintes aspectos nas pesquisas: principais referenciais teóricos, metodologias utilizadas nas investigações, campo, que nesse caso são as redes sociais virtuais, ano de finalização da pesquisa, região do país em que se insere o programa de pós-graduação onde a pesquisa foi realizada e temática.

O racismo digital nas pesquisas acadêmicas

A elaboração do estado da arte evidenciou o que outras pesquisas têm constatado: as novas tecnologias, mais conhecidas hoje como Tecnologias da Informação e Comunicação, ampliaram significativamente os veículos de comunicação e de informação existentes e permitiram que as redes sociais ganhassem grande expressão, de forma que não é possível ignorar o potencial formativo desses meios (ANDRADE, 2012). Nesse sentido, os trabalhos científicos que se voltam para a produção de subjetividades na internet têm oferecido contribuição não apenas para os pesquisadores, mas para a sociedade de uma forma geral. As pesquisas aqui descritas discutem, de modo geral, como as subjetividades operam em relação ao preconceito, uma resposta do campo acadêmico ao surgimento e expansão de um campo de investigação novo, a internet. Os trabalhos evidenciam que as redes sociais potencializaram a ofensa à honra das pessoas e a intolerância de toda ordem, gerando debates sobre os limites da liberdade de expressão e o papel do judiciário.

Uma visão panorâmica do campo só foi possível através da opção pela elaboração de uma pesquisa do tipo estado da arte. O caminho metodológico começou pela leitura dos resumos, neles encontramos algumas lacunas, sendo

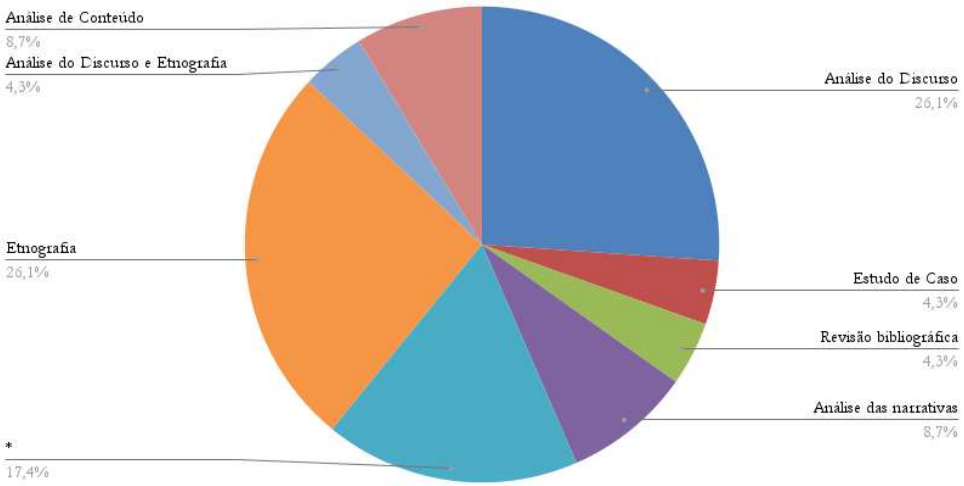
necessária a leitura do texto em sua integralidade, em busca de elementos que não estavam presentes nos resumos. Algumas palavras-chave também não pareciam alinhadas com a proposta de algumas pesquisas. Metodologicamente, alguns trabalhos não especificaram a modalidade de pesquisa que realizaram. A seguir, vamos sistematizar alguns aspectos mais relevantes do levantamento.

Acerca dos **referenciais teóricos** mais utilizados na definição das concepções de cibercultura, cultura digital, era digital, comunicação e estudos culturais, em sua grande maioria, as pesquisas se apoiam nas ideias dos seguintes teóricos: Pierre Levy, Manuel Castells e Néstor Garcia Canclini. Sobre racismo e história do racismo, as principais referências são: Kabengele Munanga, Frantz Fanon, Antonio Sérgio Guimarães, Lélia Gonzáles, Djamila Ribeiro, Achille Mbembe. O teórico mais utilizado nas pesquisas sobre análise do discurso é Michel Foucault. Destaca-se aqui as contribuições de Djamila Ribeiro, no que se refere ao tema "mulher negra".

Com relação às **metodologias** mais utilizadas para realização de pesquisas na internet, mais especificamente nas redes sociais digitais, destaca-se a etnografia virtual ou netnografia e a análise dos discursos. Sendo este último uma complementação do primeiro, configurando assim um multimétodo. Para simplificar a produção dos gráficos, utilizamos a terminologia etnografia em substituição dos equivalentes etnografia virtual ou netnografia. Cabe destacar que nos baseamos nos autores Fragoso, Amaral e Recuero (2011) que propõem que o termo "etnografia" seja utilizado em detrimento de outras terminologias que representam a imersão na cibercultura. Assim, o gráfico a seguir apresenta a distribuição das pesquisas em função de suas opções metodológicas:

ISSN 2526-2742

Gráfico 1 - Metodologias



Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir dos referenciais teóricos da pesquisa

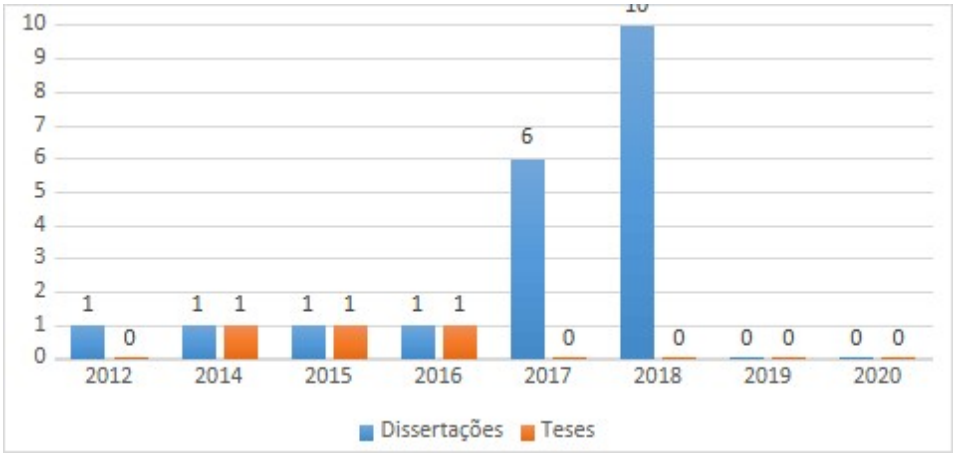
A partir da leitura e análise das pesquisas elencadas nesta amostra, constatou-se que, em 17% dos trabalhos, o método não estava claramente explicitado; 26,1% das pesquisas utilizaram a etnografia e o mesmo percentual foi atribuído para análise do discurso. Além disso, considerando os trabalhos que utilizaram multimétodos, etnografia e análise do discurso se sobressaem ainda mais, alcançando 56,5% das metodologias utilizadas.

Com relação ao ambiente virtual pesquisado, a pesquisa inicial considerou como possibilidade: Facebook, Orkut, Twitter, Instagram e Diversas (várias redes sociais). Notadamente, o Facebook é a rede social digital na qual a maioria dos pesquisadores se debruçaram para realizar suas pesquisas. Dos 23 textos, 19 foram baseados no Facebook, 1 no Orkut, 1 no Twitter e 2 em diversas redes sociais. Foi possível perceber que, desde o surgimento do Orkut, as redes sociais já eram utilizadas como um canal tanto para a construção de conhecimentos quanto para o combate ao racismo e promoção da igualdade racial. A própria existência de pesquisas que fazem referência a uma rede social tão antiga quanto o Orkut sinaliza que este lugar no ciberespaço já era povoado por movimentos sociais que discutiam e promoviam a igualdade racial e por aqueles que denunciavam práticas racistas, isso não era ainda objeto de pesquisa no campo da educação, o que passou a ocorrer após o ano de 2012. Foi possível observar, também, que estes estudos buscaram/buscam analisar principalmente

os discursos daqueles e daquelas que praticam o racismo digital. As noções de raça, construção de identidades, e construção de conhecimento podem ser encontradas também nos trabalhos relacionados ao Facebook.

Com relação à frequência, o gráfico 2 ilustra a distribuição das teses e dissertações publicadas por **ano de publicação,** dentro do período de 2012 a 2020.

Gráfico 2 - Número de teses e dissertações por ano



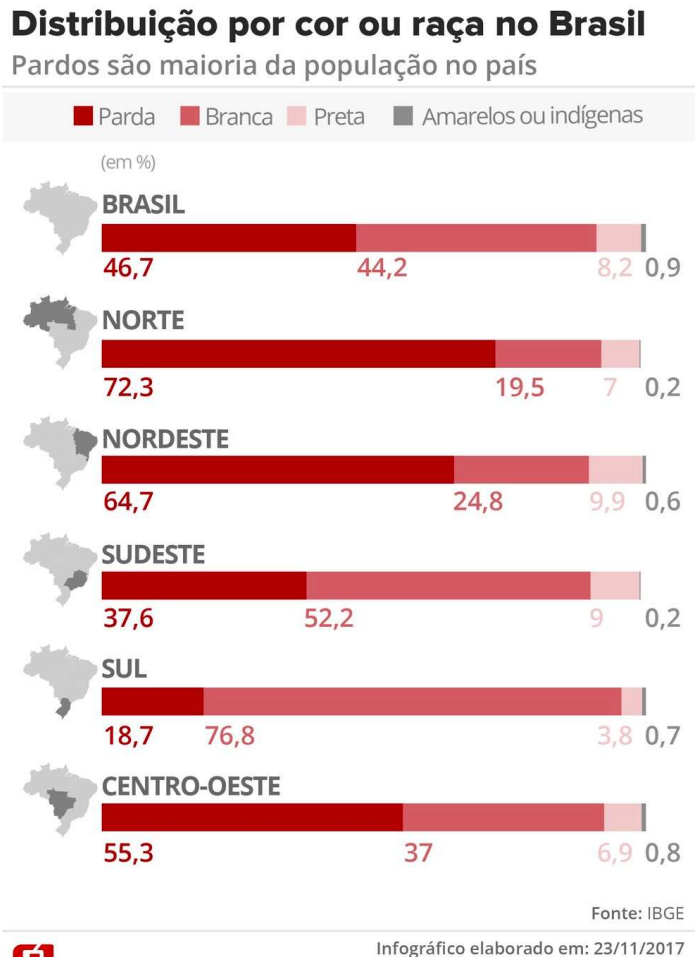
Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir dos referenciais teóricos da pesquisa

Pode-se observar que o número de dissertações supera em muito o de teses. No ano de 2018 houve um interesse maior pela temática, com 10 dissertações, embora não tenhamos publicações nos dois anos seguintes. O que indica a necessidade de ampliação da temática dentro dos programas de pós-graduação. Outro dado em relação às pesquisas realizadas, diz respeito à localização geográfica das instituições e programas de pós-graduação aos quais as pesquisas estão vinculadas.

Em relação às **regiões do país** onde se concentraram a maioria das pesquisas sobre promoção da igualdade racial e/ou racismo nas redes sociais, é possível perceber que as regiões sul e sudeste possuem a maior concentração de pesquisas. Chama a atenção que mais da metade das teses e dissertações relacionadas às questões étnico-raciais no ciberespaço, estão mais concentradas na região sudeste, seguida da região sul, o que pode ser explicado se levarmos em conta o grande número de Programas de Pós-Graduação nestas duas regiões. A região nordeste, que mais recebeu novos campis (Rorato, 2016, p.76)

com os programas de expansão universitária, aparece em terceiro. Destaca-se que mesmo que os dados do IBGE demonstrem que no sul e sudeste temos os menores percentuais de pessoas que se autodeclararam negros, são essas regiões que mais se dedicam a essa temática.

Gráfico 3 - Distribuição por cor ou raça



Fonte: IBGE[33]

Talvez o interesse localizado no sul e sudeste se deva em razão dos embates mais acirrados, como violência policial por exemplo, que encarcera e mata mais a população negra nos grandes centros urbanos.

[33] SILVEIRA, Daniel. População que se declara preta cresce 14,9% no Brasil em 4 anos, aponta IBGE. G1 RJ, Economia, 24 de nov. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/populacao-que-se-declara-preta-cresce-149-no-brasil-em-4-anos-aponta-ibge.ghtml> . Acesso em: 09 de mar. de 2021.

Sobre as **temáticas** predominantes, 15 pesquisas tratam de promoção da igualdade racial, 7 sobre discursos de ódio/cibercrimes e 1 sobre educação das relações étnico-raciais. Notamos que a identidade negra feminina é predominante, discorrendo sobre empoderamento feminino, feminismo negro, aceitação dos cabelos naturais e identidade. A presença em maior número das mulheres nos mostra que há muitas frentes de luta contra o racismo, promovendo a construção de conhecimento on e offline. Por outro lado, há a ausência de pesquisas que se propõem a investigar os casos de racismo praticado contra homens negros.

Também foi possível perceber que há um vácuo deixada nas pesquisas no que se refere as definições de racismo estrutural/institucional, principalmente levando-se em conta que a maioria do que ocorre no ciberespaço é uma projeção do que é praticado nos espaços públicos reais, ou seja, o racismo digital não é um mal em si, e suas causas precisam ser combatidas em todas as suas dimensões.

Percebemos também, que algumas autoras enfatizam o uso das redes sociais como instrumentos de mobilização, empoderamento e como formas de enfrentamento. São várias pesquisas dedicadas a explorar os modos de articulação, a informar e formar os membros das comunidades virtuais, com o diferencial de poderem participar e trocar conhecimentos, sobre identidade, ancestralidade, transição capilar, entre outras. Algumas autoras, optaram pela temática da promoção da igualdade racial, a partir de suas próprias vivências, ao participarem de grupos de cuidados com cabelo crespo e empoderamento negro nas redes sociais, como os existentes no Facebook. Grupos virtuais que reúnem mulheres com narrativas semelhantes, que se constitui como um processo de luta, e dá origem a pesquisas como as que foram apresentadas neste trabalho.

Estas pesquisas, ao tratarem do racismo que cerca a mulher, destacam a importância dos cabelos como um dos mais poderosos símbolos de identidade individual e coletiva. Também enfatizam as questões relacionadas ao ativismo das mulheres e o processo de transição capilar, principalmente na rede social Facebook, sendo essa a rede mais

utilizada tanto para o compartilhamento de informações quanto para encontros fora da rede, em espaços não virtuais.

Destacamos também as pesquisas que tratam do tema da promoção da igualdade racial ou militância antirracista. Essas pesquisas trazem enorme contribuição para a constituição do campo do racismo digital ao evidenciarem os conceitos que estão operando, como os conceitos de raça e de preconceito. Há também uma articulação entre as pesquisas realizadas, o que mostra que o campo cresce no diálogo com a produção que está sendo realizada, nesse sentido, são constantes as alusões a outras pesquisas com o mesmo tema. Os trabalhos que se debruçam sobre a promoção da igualdade racial mantém seu foco no empoderamento, principalmente o feminino. Discutem principalmente identidade, reforça a valorização das nossas características fenotípicas, ou seja, oferecem suporte aqueles que buscam conhecimento da sua ancestralidade, algo que não conseguem encontrar nos ambientes de educação formal. Buscam a potência da comunicação oferecida pelas redes sociais digitais, no resgate às suas origens, num movimento de fortalecimento e afirmação.

Discursos de ódio também são foco das pesquisas analisadas. Essas pesquisas buscam evidenciar o enfoque das motivações dos ataques racistas nas redes sociais. Pretendem dar uma resposta às inquietações derivadas do racismo digital. São em sua maioria agentes na promoção da igualdade racial ou na superação do preconceito. Na pesquisa de Marco Aurélio Moura (2016), que tem os discursos de ódio como objeto de investigação, o autor entende que o discurso do ódio utiliza-se da linguagem e da comunicação para promover violências aos grupos. O pesquisador sugere que o direito à identidade e a diferença devem ser tutelados na ocorrência do fenômeno. Afirma que o conceito de dignidade da pessoa humana precisa ser atualizado para incluir estes direitos. Na mesma temática está a pesquisa de Moura (2016). O autor utilizou-se dos conceitos de Hannah Arendt para tratar do "mal banal", contemporizando este conceito com a banalidade dos discursos de ódio nas redes sociais. Esta dissertação é da área do Direito, mas o autor utilizou-se de uma abordagem multidisciplinar para desenvolver o tema, com forte enfoque nas implicações sociais que o discurso de ódio causa. Assim como boa parte das teses, Moura (2016) entende que a internet é um terreno fértil e que estes conflitos foram intensificados, porém, são heranças históricas.

Com relação às conclusões dos trabalhos analisados, podemos afirmar que no campo do racismo digital, a maioria dos(as) autores(as) concorda que as redes sociais foram capazes de expor tanto o racismo praticado no dia a dia quanto o racismo e preconceito velados, sutis. Da mesma forma, dão visibilidade ao movimento negro, ao feminismo negro, entre outros.

Assumimos nesta pesquisa a necessidade de espaços de divulgação de pesquisa que se voltem para a promoção da igualdade racial. Podemos entender igualdade racial como igualdade de condições de acesso aos cargos de chefia, acesso à educação, à saúde, no campo acadêmico pode-se entender como toda a produção científica que nos ajuda a pensar sobre questões antes restritas a campo do indivíduo, desfazendo o velho entendimento de que a discussão sobre o racismo deve ficar restrita apenas ao indivíduo negro, quando na verdade é o oposto disso. Ou seja, os efeitos danosos do racismo só serão dissolvidos quando a sociedade assumir a responsabilidade que lhe cabe. Desta forma, textos que promovem a igualdade racial são aqueles que buscam gerar empoderamento, que buscam dar visibilidade ao povo negro.

Considerações finais

Com base na revisão de literatura, a pesquisa confirma que o campo do racismo digital é incipiente e ainda está em fase de consolidação. O levantamento bibliográfico revela uma lacuna na investigação de temas como o racismo institucional e a intersecção de gênero e classe, destacando a necessidade de futuras pesquisas aprofundarem essas dimensões para uma compreensão mais completa do fenômeno. Conclui-se que estudos como este são essenciais para mapear o conhecimento existente, identificar as lacunas e direcionar novas pesquisas interdisciplinares. A visibilidade e a urgência do debate sobre as desigualdades raciais no ciberespaço são reforçadas, especialmente no âmbito da Ciência da Informação

A análise da amostra de 20 dissertações e 3 teses, disponíveis no banco da CAPES, indica que a maioria dos estudos se concentra no Facebook, na promoção da igualdade racial e no empoderamento de mulheres negras. Essa predominância, embora importante, ressalta a necessidade de diversificar os objetos de estudo para outras plataformas digitais e explorar o racismo praticado

contra homens negros, uma vez que a literatura existente apresenta uma ausência de pesquisas sobre o tema.

Em última análise, a pesquisa sugere que o racismo digital não deve ser visto como um fenômeno isolado, mas sim como uma extensão das heranças históricas e das manifestações racistas presentes nos espaços físicos. Os discursos de ódio e a violência online, embora intensificados pelas redes sociais, são reflexos das tensões e desigualdades existentes na sociedade. A consolidação do campo de estudo do racismo digital, portanto, requer a articulação entre as diferentes áreas do conhecimento e a participação da militância negra, tanto no ambiente acadêmico quanto nas redes sociais, para que a realidade de muitos se torne visível e passível de intervenção. A elaboração de um estado da arte, como este, é um passo fundamental para sistematizar o que já foi produzido e orientar novos pesquisadores a direcionar suas investigações para os temas ainda não explorados, contribuindo assim para a erradicação do racismo em todas as suas formas e dimensões.

REFERÊNCIAS

SKLIAR, Carlos. A materialidade da morte e o eufemismo da tolerância. Duas faces, dentre as milhões de faces, desse monstro (humano) chamado racismo. Revista Prânksis[online]. 2004, v. 1, n. 1[Acessado em 23 de maio de 2021]. Disponível em <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/520>.ISSN:18071112.

FILÉ, Valter . Experiência e narrativa em educação. Odiseo , v. 12, p. 1-12, 2015.

FILÉ, Valter. Imagens, visão e conhecimento – modos de ver e modos de dar a ver. IN: KOHAN, W.; LOPES, S. e MARTINS, F.. O Ato de educar em uma língua ainda por ser escrita. Rio de Janeiro: Nefi, 2016. p. 211 - 220.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. São Paulo: editora 34, 2005.

HOFBAUER, Andreas. O conceito de ´raça´ e o ideário do ´branqueamento´ no séc. XIX -bases ideológicas do racismo brasileiro. Teoria & Pesquisa, Sao Carlos (UFSCar), v. 42-43, n.jan / jul, p. 63-110, 2003.

HOFBAUER, Andreas; MUNANGA, Kabengele. Uma história de branqueamento ou o negro em questão. 1999.Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

KASTRUP. Virginia. PASSOS, Eduardo. ESCÓSSIA, Liliana. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

JESUS, Jaqueline de. CARVALHO, Paulo de. DIOGO, Rosália. GRANJO, Paulo. O que é Racismo. Cadernos de Ciências Sociais. Lisboa: Escolar Editora, 2014.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

_____. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: editora 34, 1999.

Müler, Tânia Mara Pedroso. As pesquisas sobre o "estado do conhecimento" em relações étnico-raciais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 164-183, dez. 2015.

MOURA, Marco Aurélio. O Discurso do Ódio em Redes Sociais. São Paulo.

Lura Editorial (Lura Editoração Eletrônica LTDA - ME). 2016.

MUNANGA, kabengele. O racismo no Brasil é um crime perfeito. Disponível em: https://revistaforum.com.br/revista/77/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/. Acessado em 03 de maio de 2018.
MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.